

REFLEXÕES EM TORNO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO MÉDIO: UM OLHAR PARA AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS E A CONVIVÊNCIA ESCOLAR/SOCIAL

Tatiane Teresinha Orth Becker¹

Vanessa Angélica Reckziegel²

Daiana Raquel Paschoali³

Resumo: O referente artigo foi elaborado a partir das reflexões em torno do processo do Estágio Supervisionado III – Gestão e Docência no Ensino Médio, que teve como principal objetivo refletir sobre as relações interpessoais e a convivência escolar harmoniosa, tendo como ferramenta de ensino, os jogos cooperativos. Dialogando com diversos autores como Perrenoud (2000), Assmann (2007), Vasconcellos (2003), além de muitos outros, consideramos sobre a importância de utilizar o diálogo e a cooperação como metodologia pedagógica no Ensino Médio. Essa atitude favorece a construção da identidade e do espírito de equipe, estimulando as relações interpessoais e, conseqüentemente significando o processo de ensino e aprendizagem.

Palavras chave: Relações interpessoais; Cooperação; Formação da identidade; Convivência; Ensino Médio;

Abstract: The reference article was elaborated from the whole process of Supervised Internship III - Management and Teaching in High School. Its main objective is to reflect on interpersonal relations and harmonious school life, with cooperative games as teaching tool. Dialoging with several authors such as Perrenoud (2000), Assmann (2007), Vasconcellos (2003), and many others, we consider the importance of using dialogue and cooperation as a method of teaching in High School. This attitude favors the construction of identity and team spirit, stimulating interpersonal relationships and, consequently, the teaching and learning process.

Keywords: Interpersonal relations; Cooperation; Identity formation; School life; High school; Supervised Internship.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado das reflexões e análises referente ao desenvolvimento da oficina pedagógica, bem como de todo o processo vivenciado no decorrer do Estágio

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia da Fai Faculdades de Itapiranga. e-mail: beatrizbecker04@hotmail.com.

² Acadêmica do curso de Pedagogia da Fai Faculdades de Itapiranga, e-mail: vanessareckziegel@outlook.com

³ Professora orientadora da disciplina de Estágio Supervisionado III – Gestão e Docência no Ensino Médio do curso de Pedagogia da Fai Faculdades de Itapiranga. e-mail: daiapaschoali@hotmail.com.

Supervisionado III – Gestão e Docência no Ensino Médio que teve como objetivo refletir sobre as relações intra e interpessoal, estimulando a convivência harmoniosa e cooperativa.

Como objetivos específicos da prática docente, procuramos desenvolver atividades que proporcionassem a compreensão sobre a importância do diálogo na resolução de problemas, o estabelecimento de novas relações através de jogos cooperativos, bem como estimular a formação da identidade pessoal e coletiva.

Considerando que as relações interpessoais precisam ser mediadas para o desenvolvimento pleno do adolescente, sendo assim o desenvolvimento da oficina pedagógica intitulada “Relações interpessoais: refletindo sobre a convivência escolar/social” foi de fundamental importância para a integração e formação humana dos educandos.

Através do diálogo franco e inspirador, refletimos com os educandos sobre uma nova visão de relacionar-se enquanto grupo. Acreditamos que desta forma proporcionamos momentos que auxiliaram na formação integral dos alunos. Espera-se uma nova visão de conjunto e de identidade, evidenciando a importância das relações interpessoais em sua formação, abrangendo dessa forma o trabalho coletivo e um entendimento do seu semelhante.

Além disso, acreditamos que esse assunto seja de fundamental importância, pois vivemos em uma sociedade capitalista, em que cada novo dia nos surpreendemos com a convivência e com competição. Nesse sentido é urgente desenvolvermos o espírito de cooperação e coletividade.

Num primeiro momento, abordamos sobre o relacionamento interpessoal e a visão da escola do século XXI, com um olhar para a escola que encontramos durante essa experiência. Após consideramos sobre o ensino médio e as relações interpessoais na convivência escolar, com um foco sobre o relacionamento em sala de aula com colegas e professores.

Seguindo esse pensamento, abordaremos a cooperação como metodologia no processo de interação professor aluno, buscando nessa uma ferramenta de ensino que busca compreender o ser humano em sua essência.

Em seguida, analisamos sobre a importância da integração entre professor e aluno na construção de relações interpessoais, compreendendo esse processo como essencial para a efetivação do processo ensino aprendizagem. Também refletimos sobre a importância dos jogos cooperativos para que a integração seja efetiva.

Além disso, discorreremos sobre a importância do diálogo na resolução de problemas, abordando questões práticas que ajudam na resolução de problemas que dificultam as relações interpessoais no ambiente escolar.

Refletimos sobre a formação da identidade pessoal e de grupo, em especial da formação da identidade do adolescente e a importância do docente nesse momento. Por fim, apresentamos algumas considerações que nortearam a escrita desse artigo, lembrando os objetivos e apontando soluções a partir das situações vivenciadas.

Através dessas colocações objetivamos reforçar a nossa visão do Ensino Médio, buscando sempre refletir sobre questões atuais que interferem na educação brasileira, como novas políticas educacionais ou projetos que acrescentem qualidade ao processo ensino aprendizagem.

2 RELACIONAMENTO INTERPESSOAL E A VISÃO DA ESCOLA DO SÉCULO XXI

Atualmente a educação passa por uma situação complexa. Apesar de todos os esforços e incentivos, a educação acaba ficando de lado, pois muitos deixam a desejar.

As circunstâncias são adversas. Precisamos de muitas frentes de luta pela melhoria da educação. Mas não se pode ir contornando eternamente a evidência de que a questão da qualidade na educação passa centralmente pelo viés pedagógico. (ASSMANN 2007, p. 23)

Nessa situação cabe ao professor ir em busca de nossos métodos de ensino aprendizagem, para que o aluno possa aproveitar ao máximo seu desenvolvimento cognitivo. Em muitos casos, recai sobre o professor “[...] o peso das competências, para enfrentar as situações que revelam uma falta de socialização, de cidadania, de solidariedade em todos ou em parte dos alunos”. (PERRENOUD 2007, p. 148)

Sabemos que nem sempre essa é a realidade que encontramos quando chegamos ao ambiente escolar, pois nos deparamos com uma nova realidade na educação, em que se debate a pedagogia tradicional, tachada de ultrapassada, mas que acaba em muitos casos sendo utilizada.

Percebe-se que a escola ainda vai ser a mesma por algum tempo, mas para algumas pessoas esse princípio parece ser irreversível, pois ainda se acredita que em sala de aula deve ter apenas a função de ensinar e aprender. (KENSKI, 2010)

O pedagogo atual precisa ser dinâmico, prático, versátil, mediador de conhecimentos. Pensamos que a maneira tradicional de ensinar não pode ser abolida completamente e sim utilizada juntamente com os novos métodos educacionais à disposição do professor.

Estabelecer normas, ter autoridade sem ser autoritário, perceber os diferentes contextos que existem na relação aluno-professor são algumas qualidades que o educador do Ensino Médio precisa ter para trabalhar com eficiência, assim, espera-se que formemos alunos capazes, protagonistas da construção do seu conhecimento e que os professores se sintam realizados profissionalmente.

Nessa nova fase da educação, percebemos que o educador precisa se reencantar com a educação, mas para isso ele necessita ver que é possível mesclar a pedagogia tradicional com todas as novas formas de ensinar, fazendo das novas tecnologias um aliado poderoso no processo de ensino aprendizagem.

O que notamos é que novos termos estão sendo utilizados no ambiente escolar, indicando assim que mudanças estão acontecendo. Termos como evolução, contextos, sociedade aprendente, gestão do conhecimento são hoje conhecimentos indispensáveis na formação do pedagogo.

Para Assmann (2007, p.29)

[...] a experiência de aprendizagem implica, além da instrução informativa, a reinvenção e construção personalizada do conhecimento. E nisso o prazer representa uma dimensão-chave. Reencantar a educação significa colocar a ênfase numa visão da ação educativa como ensinamento e produção de experiências de aprendizagem.

Precisamos que o aluno tenha prazer em aprender, e para isso, em primeiro lugar devemos ter prazer em ensinar. Além disso, devemos instigar o aluno a procurar novos conhecimentos através de pesquisa, desafios e afinidades com o assunto.

Hoje sabemos que sempre estamos aprendendo, desde nosso nascimento até a morte, por isso, a aprendizagem intrínseca de certo conceito é muito mais importante, útil, do que simplesmente passar conteúdo. E mais, manter uma lógica baseada no contexto dos alunos, auxilia o professor no processo de ensino.

Para que isso seja possível, precisamos aprender a lidar com o novo, pois os alunos estão conectados a todas as novas tecnologias que surgem no mercado e devemos também estar atualizados e encontrar formas de as utilizar como aliados do aprendizado.

O processo de planejamento escolar é importante e necessário dentro do currículo que habilita o profissional da educação. (DAMIS, 2010). Através desses planejamentos o professor visualiza seus conhecimentos, erros, como também o que poderia ter feito de diferente, para dar outra direção em suas aulas, possibilitando assim uma auto avaliação.

Os avanços das tecnologias estão cada vez mais envolvidos em nosso cotidiano, tudo parece bem mais simples quando se trata de tecnologias. A introdução dessas tecnologias está cada vez mais constante e ágil em nossa sociedade.

Para Kenski (2010, p. 129) “a utilização cada vez mais frequente dos meios eletrônicos e das tecnologias de comunicação audiovisual transforma, de maneira radical, as práticas de leitura e escrita na atualidade”. O professor utiliza todas as possibilidades para dialogar com seus alunos, podendo empregar as tecnologias ao seu dispor como ferramenta de ensino.

Ter sempre à disposição métodos de ensino diversificados que desperte o interesse do aluno é muito importante para o processo de ensino aprendizagem, qualificando o pedagogo e formando seres humanos diferentes cognitivamente, social e afetivamente.

A escola atualmente é significada como um espaço de aprendizagem⁴, onde se busca a unificação dos processos vitais e cognitivos. Com essa base Assmann (2007) renomeia o termo aprendizagem, que segundo ele reforça essa ideia de processo de aprender a ser e fazer, dando um significado de estar vivo.

Essas relações se constroem em um ambiente que deverá ser propício para a aprendizagem. Apesar da grande evolução das tecnologias e sua inserção na sala de aula, o diálogo aberto e as sugestões ainda é a melhor ferramenta do educador, e, a forma mais simples do aluno aprender, pois participa da discussão, expõe seu pensamento e constrói sua ideia, seu conhecimento com participação ativa.

Além disso, precisamos desenvolver competências como “trabalhar a partir das aprendizagens dos alunos. Trabalhar a partir dos erros e dos obstáculos à aprendizagem. Observar e avaliar os alunos em situações de aprendizagem, de acordo com uma abordagem formativa”. (PERRENOUD, 2000, p.17)

Nessas circunstâncias a educação só consegue bons “resultados” quando se preocupa com gerar experiências de aprendizagem, criatividade para construir conhecimentos e habilidades para “acessar” fontes de informação[...].” (ASSMANN, 2007, p.32).

A partir dessas reflexões percebemos que a influência da escola na vida do aluno é muito significativa. As aprendizagens proporcionadas pelos docentes instituem a forma mais dinâmica de processo ensino aprendizagem. Por isso a escola deve ser um espaço de vivências significativas.

Para isso,

⁴ Termo utilizado por Assmann (2007).

Organizar e dirigir situações de aprendizagem é manter um espaço justo para tais procedimentos. É, sobretudo, despender energia e tempo e dispor das competências profissionais necessárias para imaginar e criar outros tipos de situações de aprendizagens, que as didáticas contemporâneas encaram como situações amplas, abertas, carregadas de sentido e de regulação, as quais requerem um método de pesquisa, de identificação e de resolução de problemas. (PERRENOUD, 2000, p.25-26)

Compartilhamos das ideias de Perrenoud (2000, p.35) quando este afirma que “a construção do conhecimento é uma trajetória coletiva que o professor orienta, criando situações e dando auxílio, sem ser o especialista que transmite o saber, nem o guia que propõe a solução para o problema”, pois o docente é apenas um mediador de conhecimentos e não dono absoluto das suas verdades.

No entanto, apesar das diversas dificuldades e desafios propostos, a profissão docente ainda se mostra digna, capaz de integrar á sociedade membros competentes e com uma formação humana de qualidade. Dessa forma, percebemos que instigar o aluno para o interesse pela sua formação perpassa o simples ato de ensinar. Necessitamos mostrar aos jovens as possibilidades que um investimento em educação vale a pena.

2.1 O ENSINO MÉDIO E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA CONVIVÊNCIA ESCOLAR

Quando entramos em contato com o universo adolescente, percebemos que ele necessita de um atendimento diferenciado. Aliás, como em qualquer espaço educacional, vemos que temos que nos adaptar ao seu contexto. A Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina (2014) propõe que “é a mediação que permite que as gerações precursoras assegurem às novas gerações o conhecimento e os traços culturais deixados pelas culturas que as antecederam”. Dessa forma, garantindo a qualidade da educação das gerações futuras.

O professor de Ensino Médio precisa estar preparado para lidar com situações do cotidiano do adolescente. O docente deve estar sempre aberto á escutar o que seu educando, proporcionando momentos de discussão e reflexão crítica em sala de aula. Essa interação é que promove o aprendizado.

Para Vasconcelos (2012, P.113)

A sala de aula, espaço onde se efetiva a educação formal, é palco do processo de interação entre professores e alunos. Essa interação, permeada pelo discurso pedagógico, é regulado por normas institucionais e reflete a práxis do professor, que atua como coordenador desse processo.

Nesse sentido, vale ressaltar que o professor competente faz com que esse processo se dê através de um planejamento inteligente, que abrange sua ferramenta de ensino mais poderosa: o diálogo. Vasconcelos (2012, p.115) reforça essa ideia quando afirma que “o professor competente não se vê ameaçado pelos questionamentos, dúvidas, sugestões e, até mesmo, as contribuições que seus alunos certamente lhe trarão”.

Isso sugere que quando o professor está capacitado para trabalhar em sala de aula, ele não se intimida com a curiosidade do aluno, pelo contrário, a instiga para que juntos construam novos conhecimentos.

Por isso, o professor necessita utilizar todos os recursos disponíveis com o adolescente, mas,

[...] de todos os recursos à disposição do professor para suas aulas, desde a simples lousa até as mais avançadas tecnologias da informação e comunicação, é o seu discurso o mais poderoso meio para comunica-se com seus alunos, discurso este sempre carregado de intencionalidade, de valores e de significação. (VASCONCELOS, 2012, p.113).

Sobre essa situação, o que percebemos é que o adolescente gosta de aprender, gosta de interagir e é com essa metodologia que o professor conquista seus alunos. Reinhold (2014, p.31) alega que “o adolescente necessita de conflitos e desafios que o inquietem e o desestabilizem levando-o a buscar novamente o equilíbrio, de preferência com a colaboração dos outros”.

Percebemos que a convivência escolar tem um papel importante para a formação do educando. Nesse sentido, Leite (2008, p.2588) conota que “é indiscutível a importância de um ambiente escolar que favoreça a convivência harmoniosa entre seus sujeitos, seja para a promoção da aprendizagem, o principal objetivo da escola, seja para a formação do aluno de modo geral e o bem-estar de todos”.

Isso sugere que,

As dificuldades de aprendizagem e de comportamento relacional que as crianças mostram em sua vida escolar não são de índole intelectual nem relativas às suas características intrínsecas de personalidade, mas surgem de negação do amor como espaço de convivência e são corrigidos restituindo-se o dito espaço. (MATURANA, REZEPKA 2000, p. 15)

Pelo fato de existir a negação do amor em relação ao espaço que ocupam dentro da escola, os alunos acabam se afastando do professor, e até mesmo de seus colegas, evitando o diálogo com os mesmos. Isso gera conflitos que, se não forem evitados, podem trazer diversos problemas para a escola e para os educandos.

Leite (2008, p.2589) esclarece que

A escola é feita de momentos, sendo que a forma que ela assume em cada situação é sempre o resultado provisório do movimento permanente de transformação, pressupondo tensões, conflitos, esperanças e busca por propostas alternativas.

Nesse sentido, as relações interpessoais caracterizam um processo importante na formação do aluno e esses estímulos originam aquilo que Gardner processa como uma das sete inteligências.

De acordo com Gardner (1995) inteligência interpessoal se caracteriza pela forma de distinguir os estados de ânimo de uma pessoa e trabalhar essas diferenças. A principal característica de uma pessoa com inteligência interpessoal destacada é a capacidade de perceber as intenções ou desejos de outras pessoas sem que elas a expressem.

Para Gardner (1995, p.27) “ a inteligência interpessoal está baseada numa capacidade nuclear de perceber distinções entre os outros; em especial, contrastes em seus estados de ânimo, temperamento, motivações e intenções”.

Muitas vezes essa falta de aproximação entre os colegas em sala de aula faz com que os mesmos entrem em conflito, gerando inveja, competição e ambição, sendo que isso diminui as inteligências educacionais. (MATURANA, REZEPKA, 2000).

A abordagem da convivência escolar em nossa oficina teve uma importância relevante, tendo em vista as dificuldades de relacionamento percebidas. Contudo, trabalhar a convivência escolar é uma temática necessária em todos os momentos da educação, pois isso facilitará o processo ensino aprendizagem. A diversidade da sala de aula, normalmente é um dos principais fatores que resultam em conflitos.

Nesses casos, Leite (2008, p.2589) propõe que

Considerando que a diversidade pode ser uma das principais fontes de conflito nas escolas, situação que se agrava cada vez mais devido à falta de conhecimento e compreensão de alternativas para enfrentar os conflitos, assim como capacidade limitada para viver com as diferenças presentes em nossa sociedade, observa-se que a escola como um todo deve colocar objetivos pedagógicos para enfrentar o conflito. Uma das principais inseguranças e dificuldades reside em como lidar com as desavenças.

Atualmente, o Ensino Médio Inovador conta com um currículo diferenciado, buscando uma formação integral. Na proposta curricular do Estado de Santa Catarina (2014, p.26) consta que

[...]a Educação Integral que tem como horizonte a Formação Integral demanda um currículo que se conecte com a realidade do sujeito, uma vez que as experiências

com as quais estes sujeitos se envolvem diuturnamente são experiências nas quais os conhecimentos estão integrados.

Desse modo, percebemos a importância das disciplinas pedagógicas na formação da grade curricular do Ensino Médio, promovendo a formação não apenas cognitiva, como também humana dos alunos que estão naquele ambiente para formalizar a sua entrada na sociedade democrática e cidadã.

Com esse intuito, o percurso formativo na educação básica sugere que

As escolhas inerentes ao trabalho pedagógico, desse modo, têm por finalidade permitir aos sujeitos a ampliação de seus repertórios culturais – sem negar aquilo que já sabem, mas num processo de ampliação dessas objetivações humanas –, de modo que as vivências com os diferentes elementos culturais lhes permitam experimentar modos de ser e estar no mundo. (PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA, 2014, p.32).

Por tudo isso, percebemos que as relações entre professor e aluno passam por diversas mudanças, mas o diálogo como método pedagógico perpassa o tempo e se mostra efetivo em todas as realidades.

2.2 A COOPERAÇÃO COMO METODOLOGIA NO PROCESSO DE INTERAÇÃO PROFESSOR ALUNO

Durante o desenvolvimento da oficina pedagógica, abordamos sobre o trabalho em equipe, para que os alunos pudessem conhecer um pouco mais sobre aqueles com quem convivem diariamente. Para Perrenoud (2000, p. 81) “trabalhar em equipe é, portanto, uma questão de competências e pressupõe igualmente a convicção de que a cooperação é um valor profissional”.

Sob esse ponto de vista, “cooperar é um ato mais complexo, pois vai além da prestação de ajuda mútua ou unilateral e da reunião de ações isoladas. É uma operação conjunta em todos os sentidos, pois ninguém coopera sozinho.” (HAETINGER, p.19, módulo III, 2014).

Alicerçadas nas ideias do autor citado acima, podemos afirmar que a cooperação gera uma gratificação quando se trata de ajudar o próximo. Quando o trabalho é em equipe gera bons resultados, pois segundo Perrenoud (2000) a cooperação passa pela cultura da solidariedade, da tolerância e da reciprocidade.

Para existir cooperação, é preciso que duas ou mais pessoas articulem suas ideias, seus pontos de vista, suas ações e decisões, seus objetivos e suas metas, atuando de modo recíproco e complementar. (HAETINGER, p. 19, módulo III, 2014).

Percebe-se assim que ninguém pode trabalhar sozinho, sempre deve ter alguém que possa lhe ajudar, fazendo com que você se torne uma pessoa mais flexível para realizar tarefas de seu dia a dia.

A aprendizagem cooperativa precisa privilegiar a eficácia didática em detrimento da eficácia da ação. (PERRENOUD, 2000, p. 63). Para cooperar é preciso saber não apenas planejar, mas também por em prática. O professor deve ter um olhar sensível para que seu planejamento não fuja de sua realidade, mas que permita que o aluno aprenda algo além de sua realidade.

O trabalho em equipe é de suma importância, porém quando trabalhada de maneira correta, sabendo respeitar a capacidade do outro, tendo estimulando a cooperação. (PERRENOUD, 2000). Sob esse olhar, nossa oficina pedagógica foi desenvolvida na turma do 1º ano do Ensino Médio Inovador, em uma escola estadual de Santa Catarina.

A principal dificuldade aparentava ser a separação da turma em dois grandes grupos, que tem dificuldades de relações entre si. Nossa proposta era unificar a turma e fazer com que percebam que um diálogo franco trará muitas semelhanças entre eles que essa separação não lhes deixa perceber. Assim, trabalhamos as relações intra/interpessoais em ambiente fora do espaço escolar, proporcionando momentos de integração queremos estreitar os laços que os unem. Nesse espaço proporcionamos reflexões sobre o tema, a partir de dinâmicas e atividades lúdicas.

2.3 A IMPORTÂNCIA DA INTEGRAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO NA CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Quando falamos do envolvimento que os alunos da turma tiveram em relação a oficina trabalhada, nota-se grande dificuldade no que se refere a integração de muitos estudantes, tanto pelo ato de se expressar como também de entendimento sobre o assunto abordado. Muitas vezes esse medo de falar, estava ligado com a falta de comunicação entre professor e aluno e vice versa.

O principal objetivo da oficina pedagógica era trabalhar a convivência escolar e para isso utilizamos diversas estratégias para estabelecer relações interpessoais saudáveis, tanto entre alunos como entre alunos e professores. Uma das estratégias para estabelecer essas

relações foi a dinâmica das qualidades, quando escondemos uma garrafa em que havia uma mensagem para finalizar os jogos cooperativos e introduzir a dinâmica das qualidades. Depois, sucessivamente, cada aluno recebia uma carta com uma qualidade como felicidade, extrovertido, amigo, líder, otimista, entre outros, até por fim o generoso, que recebeu o presente e foi convidado a dividi-lo com seus colegas.

Hillal (1985, p. 19) afirma que:

A interação professor-aluno é fundamental para uma boa adaptação escolar. Assim, o primeiro professor de uma criança tem muito grande importância na atitude futura desse educando, não só durante a sua fase de aprendizagem, mas na sua relação com os sucessivos professores.

Tendo em vista essa afirmação, acreditasse que a relação dos professores para com seus alunos, é de suma importância, pois através dessa atitude que se inicia o diálogo, podendo haver melhor entendimento dos conteúdos/conceitos.

Libâneo (1994, p.249) defende que “as relações entre professores e alunos, as formas de comunicação, os aspectos afetivos e emocionais, a dinâmica das manifestações na sala de aula fazem parte das condições organizativas do trabalho docente”. A motivação dos alunos pode residir na maneira como o professor media as situações de aprendizagem, sendo que quanto mais dinâmica e reflexiva a proposta for, maior a adesão dos alunos.

Além disso, entendemos que quando há a interferência estimuladora do professor, a tendência é de que o aluno exponha suas qualidades para mostrar seu potencial. Por isso,

Do que inconscientemente é o professor, é que vai resultar, na maioria das vezes, a relação professor-aluno. Se o mestre é imaturo, reagirá inconscientemente à imaturidade pessoal do aluno. Mas se o professor é uma personalidade madura, capaz de solucionar as próprias dificuldades, estará apto a auxiliar o aluno a resolver as dificuldades que enfrenta. (HALLIAL, 1985, p. 23)

Sobre isso, percebemos que ao fim da oficina, no momento da avaliação, tivemos um momento de muita integração com nossos alunos, pois nos post-its em que pedimos para escreverem os pontos positivos, negativos e os pontos a melhorar, os pontos mais destacados foram os positivos. Em vários deles, os alunos pediam para repetir esses momentos de interação. Em um dos post-its destacava-se a simplicidade e intensidade das atividades propostas, percebendo que não precisamos inventar coisas mirabolantes para trabalhar com o aluno, apenas explorar cada momento com intensidade e sentimento.

Da mesma forma, quando abordamos a identidade dos alunos identificamos o grau de desenvolvimento apresentado em todas as situações, tanto de conflito como também em momentos de intervenção sobre os acontecimentos. Libâneo (1994, p.249) corrobora sobre os

[...] dois aspectos da interação professor-alunos no trabalho docente: o aspecto cognoscitivo (que diz respeito a formas de comunicação dos conteúdos escolares e às tarefas escolares indicadas aos alunos) e o aspecto sócio-emocional (que diz respeito às relações pessoais entre professor e aluno e às normas disciplinares indispensáveis ao trabalho docente).

O que se nota é, que o adolescente pouco se conhece, pelo fato de não saber dialogar sobre a questão das próprias relações intrapessoais, pois para compreender essa afirmação é necessário saber desenvolver o seu autoconhecimento. Durante a dinâmica “conte-me teu segredo”, observamos que alguns alunos haviam reais dificuldades de relacionamento, inclusive com seus familiares. Além disso, alguns relataram não gostar do ambiente escolar e que não se sente motivado para continuar estudando.

Para que esse não seja um problema em seu futuro, o professor precisa repensar suas didáticas e senti as necessidades do aluno, e para isso,

Se o professor realmente deseja ser educador, deve procurar criar em classe uma situação ajustada ao desenvolvimento dos alunos, como as relações em aula, evitando antecipar julgamentos, procurando ser receptivo, fazendo-se compreender tanto na matéria que leciona quanto na pessoa em si. Procure compreender o mundo do aluno, vendo as coisas como ele vê, a fim de poder chegar até ele. Considere e compreenda a educação como uma atividade construtiva e criativa. Procure entender a si mesmo e aos outros, conscientizando-se do que pensa e sente. (HILLAL, 1985, p.39)

Contudo, podemos avaliar a relação de professor e aluno, de forma não estrutural, pois ainda se tem pouco diálogo para que possa existir uma afetividade com os mesmos. “A crítica dos alunos em relação aos professores, vai da matéria dada, dos métodos, das organizações até as qualidades pessoais do professor”. (HILLIAL, 1985, p, 61) A relação professor e aluno vão além da disciplina e do tempo escolar. Ela relaciona conteúdos significativos á momentos de motivação que tornam a aprendizagem intrínseca.

2.4 A FORMAÇÃO DE NOVAS RELAÇÕES ATRAVÉS DE JOGOS COOPERATIVOS

Quando se trata de jogos cooperativos, podemos ressaltar que a maneira de os encaminhar e apresentá-los aos estudantes é de suma importância, uma vez que eles precisam

compreender a pertinência destes jogos, que trabalham a união, o trabalho em equipe e principalmente a humildade.

Pode-se afirmar que os jogos cooperativos são vistos como aliados para os professores, pois além de trabalhar a afetividade, faz com que se consiga compreender que a principal consequência dos jogos, é fazer não apenas um vencedor, mas sim dar honra ao mérito num todo, onde todos os participantes levem consigo a fama de vencedor. “Dessa forma, a partir da percepção de que a cooperação leva a resultados, há a possibilidade de que o indivíduo incorpore essas atitudes em prol da colaboração a outros âmbitos de sua vida.” (MARQUES, CHAGAS, LUCAS, 2011, p.2)

Quando trabalhamos os jogos cooperativos percebemos que, inicialmente havia a sobreposição de um ponto de vista, mas percebendo que só seria possível ter sucesso na atividade com a colaboração de todos, foram interagindo espontaneamente. Na atividade da ponte de papel, um dos grupos teve extrema facilidade para fazer, pois logo de início já trabalharam em equipe, juntando ideias e formulando uma solução.

Em poucos momentos dos jogos precisamos interferir nas atividades, mas na atividade “navegar é preciso”, precisamos explicar várias vezes as regras principais para que ambos os grupos conseguissem formular uma estratégia para a resolução da atividade. A liderança espontânea foi uma das principais qualidades que percebemos em alguns alunos, percebendo que em quase todas as atividades, os mesmos alunos lideravam a atividade dentro de cada grupo.

Jogos cooperativos, são relacionados com algumas fases da vida do adolescente, faz com que eles pensem um pouco mais além, são desafiados a pesquisarem a respeito, pois só assim irão descobrir o verdadeiro significado de cooperar para trabalhar em equipe, convier melhor com as pessoas em seu dia a dia.

Portanto, os jogos cooperativos contribuem para a promoção de ações e relações educativas solidárias, colaboram na diminuição das barreiras emocionais e estreitam as distâncias que possam existir entre as pessoas e os grupos, incentivando que essas idéias extrapolem o próprio ambiente escolar. A prática dos jogos cooperativos nas escolas possibilita, assim, o desenvolvimento das habilidades sociais, contribuindo para que os indivíduos se tornem agentes na construção de uma sociedade mais justa e fraterna, sendo capazes de trabalhar juntos para alcançar objetivos que beneficiem o coletivo. Nesse sentido, as proposições dos jogos cooperativos traduzem-se em uma única finalidade: a formação do cidadão. (GONSALVES, FISCHER, 2007, p. 59)

No decorrer dos jogos trabalhados na oficina, foram feitas várias considerações, havendo quase sempre um diálogo com os participantes, tentando interagir com os mesmos,

para ver se estavam compreendendo o que estava sendo apresentado, contudo, após cada atividade, eram feitas algumas perguntas e afirmações, como por exemplo, se o pensamento deles era de competição ou de trabalho em equipe para que todos saíssem beneficiados. No início, isso foi uma dificuldade para a maioria, mas no decorrer da oficina houve uma melhora nessas relações, proporcionando aos alunos um momento para conhecer melhor seus colegas.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Após vários momentos de reflexão, construção, leitura, prática e análise, podemos considerar que alcançamos nosso objetivo que era proporcionar reflexões sobre as relações intra e interpessoal, estimulando a convivência harmoniosa e cooperativa. Da mesma forma, tivemos a oportunidade de entrar em contato com o universo do adolescente, que, apesar de todas as mudanças e transformações que estão acontecendo consigo e com o mundo que os rodeia, ainda, muitas vezes não são compreendidos.

Acreditamos que o Ensino Médio está no caminho certo para que boas mudanças aconteçam, sendo que a principal delas é deixar de focar no conhecimento intelectual e dar mais espaço para a formação humana e social. Desta maneira, o aluno sairá da escola com um pensamento crítico e socialmente responsável.

As relações interpessoais fazem parte do nosso cotidiano, tanto em nossa vida pessoal, como também na vida profissional, acredita-se que os conceitos dessas relações, geram uma grande discussão em sala de aula, podendo direcionar o olhar dos alunos sobre o tema. Sabemos que as relações interpessoais estão diretamente ligadas com a construção da identidade, o conhecimento do eu, identificar a origem e a semelhança uns com os outros. Por isso defendemos que a relação entre professor precisa acontecer por meio do diálogo, fazendo com que os alunos não fiquem com aquele receio de ter autonomia para realizar seus atos.

Os jogos cooperativos possibilitam a união do útil ao agradável, pois abordam a questão do trabalho em equipe, e em momento algum quer demonstrar a competitividade, rivalidade ou inveja entre os participantes, muito pelo contrário essa atitude favorece

Assim apesar de todas as dificuldades enfrentadas, como as adequações aos espaços e tempo, a ansiedade e a relação teoria prática, podemos dizer que terminamos essa etapa realizada e encantada com as possibilidades de atuação do pedagogo, permitindo que a formação humana e crítica sirvam de apoio para nossa formação acadêmica.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: Rumo á sociedade aprendente. 10ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

DAMIS, Olga Teixeira. Planejamento escolar: expressão técnico-politica de sociedade. In, **Didática**: o ensino e suas relações. 16ª ed, Campinas, SP: Papirus, 2010.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas**: a teoria na prática. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GONÇALVES, Natália Kneipp Ribeiro. FISCHER, Juliana Kneipp Ribeiro. **Cidadania e jogos cooperativos**: vivenciando práticas de cooperação em uma sala do ensino fundamental. Revista Unar, 2007.

Disponível em:

http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol1_n1_2007/9_cidadania_e_jogos_cooperativos.pdf

HILLIAL, Josephina. **Relação professor-aluno**: formação do homem consciente. Josephina Hillial; revisão José Joaquim Sobral. – São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

KENSKI, Vani Moreira. O ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias. In, **Didática**: o ensino e suas relações. 16ª ed, Campinas, SP: Papirus, 2010.

LEITE, Célio Rodrigues. **Convivência escolar**: a questão dos conflitos entre alunos e professores e alunos, PUCPR, 2008.

Disponível em:

http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/127_136.pdf

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo.: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 8ª ed: São Paulo: Cortez editora, 1998.

MARQUES, Andressa de Carvalho. CHAGAS, Lucas Dall’Agnol das. LUCAS, Tiago Bordin. **Jogos cooperativos**: sua real importância e aplicabilidade. Revista cmd, 2011.

Disponível em:

http://www.colegiomaededeus.com.br/revistacmd/revistacmd_v22011/artigos/a8_remc_cmds_et2011.pdf

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre; Artmed, 2000.

REINHOLD, Helga H. Educação com sentido: orientação para professores. In: LIPP, Marilda. **O adolescente e seus dilemas**. Campinas, SP; Papirus, 2014.

SANTA CATARINA, Governo do Estado. Proposta Curricular de Santa Catarina: formação integral na Educação Básica. Secretaria do Estado da Educação, 2014..

VASCONCELOS, Maria Lúcia. **Educação Básica**: a formação do professor, relação professor – aluno, mídia e educação. São Paulo; Contexto, 2014.